

Crise política dificulta o ajustamento

São Paulo — Luiz Luppi

Lia Carneiro

SÃO PAULO — Os fatos políticos e econômicos da vida brasileira têm a tendência de explodir como uma boiada. Só que, de repente, sem ninguém entender de que maneira, o estouro é contido e tudo volta ao normal. O raciocínio é do presidente da Siemens, Hermann Wever, para explicar a influência da atual crise política na deprimida economia nacional. "Só espero que a boiada pare de correr logo", brinca Wever, que gosta de se definir como otimista. "Com tranquilidade política, a economia ainda tem potencial e tempo para crescer de 1% a 2% em 1992 e terminar o ano com uma inflação entre 12% e 14%."

Wever entende que associar a crise política à queda de 8,5% nas vendas da indústria paulista em maio, como fez o diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Walter Sacca, na semana passada, é o estouro da boiada. "Não acho que as pessoas deixam de comer por causa da crise política e não conheço nenhuma empresa que tome decisão de longo prazo baseada nos acontecimentos desta semana ou da que passou", argumenta ele.

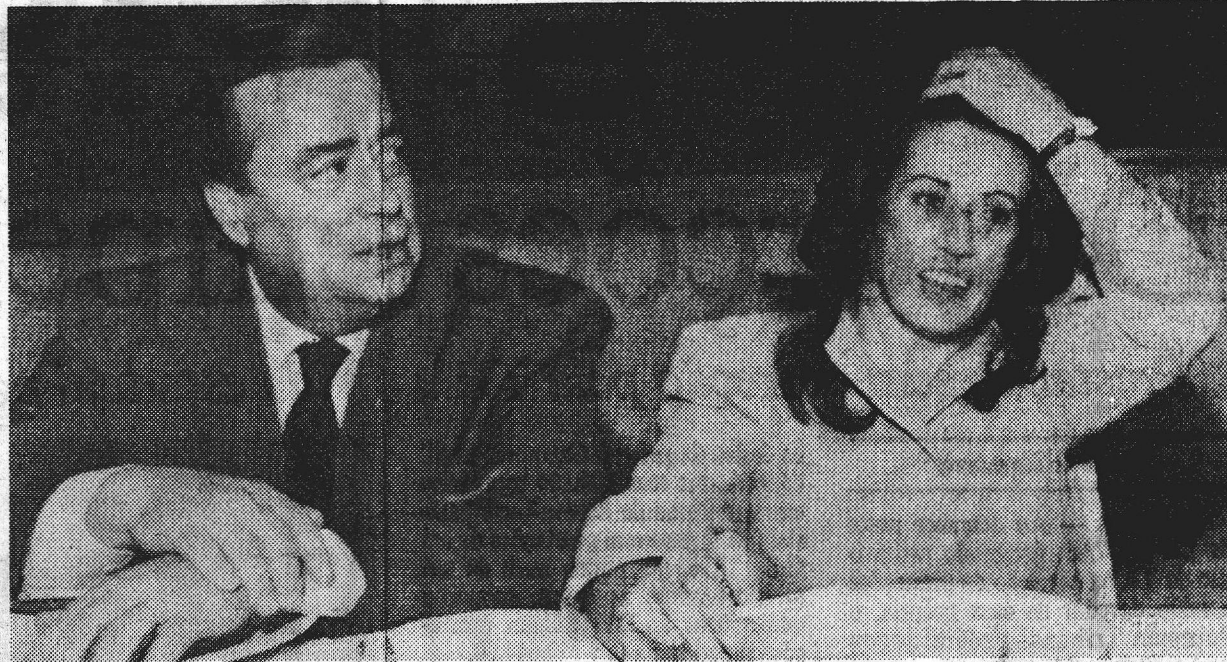
Especulação — Na hora de separar crise política de crise econômica, o empresário avaliza as declarações da secretária nacional da Economia, Dorothea Werneck, que ele considera "a melhor public relations do governo". "A CPI é um momento importante para solidificar a democracia, mas é importante não misturar isso com a economia, que deve continuar andando", afirma Dorothea Werneck, lembrando que a Bolsa de Valores "não é um indicador da economia porque inventa boatos para sustentar a especulação". "É claro que as bolsas e os mercados de risco flutuam em função da política e da especulação. E as bolsas até reagiram no final da semana", acrescenta Wever, lembrando que a Siemens espera faturar US\$ 460 milhões em 1992 e os investimentos cresceram 40% em relação a 1991 — US\$ 35 milhões.

Outros empresários também acreditam que a lama das denúncias no meio político não afeta o dia-a-dia da economia. "A economia está devagar porque estamos enfrentando um pro-

cesso recessivo. No nosso setor nenhum investimento está sendo adiado. Vamos investir US\$ 1 bilhão este ano", afirma o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Adelar Scheuer. "Ninguém parou de trabalhar por causa da CPI. O consumidor está retraído porque a recessão ainda está de pé", reforça o presidente da Bolsa Mercantil & de Futuros, Manoel Francisco Pires da Costa. "O que nós temos é que evitar que a reforma fiscal, por exemplo, fique parada no Congresso. Precisamos continuar caminhando para o Primeiro Mundo".

Sem remarcação — Na verdade, o que se deve temer em relação à crise política não são seus efeitos no curtíssimo prazo. "O que estamos constatando é que, ao contrário do que se imaginava, as incertezas geradas pela CPI não se transformaram em um movimento de remarcação preventiva de preços", analisa o ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, lembrando que a inflação medida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) recuou de 22,94% para 22,66% da primeira para a segunda semana de junho. "É surpreendente: os empresários perceberam que o melhor é cuidarem de suas empresas e que o mercado está rejeitando aumento de preços." Para Mailson, o problema da crise política é que ela potencializa as incertezas e interfere nas decisões estratégicas. "Os investimentos são adiados."

O presidente da Arteb, Pedro Eberhardt, confirma esse efeito de desaceleração. "Não parei, mas estou mais devagar. Nesta época eu deveria estar planejando os investimentos para 1993, mas a confusão política acaba te obrigando a diminuir a velocidade das decisões", afirma Eberhardt, ressaltando que o Grupo Arteb faturou US\$ 120 milhões em 1991 e está investindo US\$ 20 milhões em 1992. "O problema é o medo na hora de decidir coisas mais sérias", acrescenta o diretor da Fiesp, Feres Abujamra. "Fica todo mundo receoso e o empresário acaba empurrando as medidas. A longo prazo, isto é um desastre."



Wever, da Siemens: economia ainda pode crescer 2% em 92 e terminar com inflação de 12%

Dispensas em São Paulo

3ª semana de maio:

2.166

Total do mês de maio:

10.833

1ª semana de junho:

4.550

2ª semana de junho:

2.599

Fonte: Fiesp

Evolução do dólar

(preço de venda no paralelo em Cr\$)

18 de maio: 2.780

18 de maio: 2.800

20 de maio: 2.790

21 de maio: 2.850

22 de maio: 2.890

25 de maio: 2.970

26 de maio: 2.980

27 de maio: 2.980

28 de maio: 2.950

29 de maio: 3.000

Junho

1 de junho: 3.000

2 de junho: 3.000

3 de junho: 3.020

4 de junho: 3.020

5 de junho: 3.040

8 de junho: 3.080

9 de junho: 3.090

10 de junho: 3.100

11 de junho: 3.140

12 de junho: 3.190

15 de junho: 3.280

16 de junho: 3.340

17 de junho: 3.400

18 de junho: 3.450

19 de junho: 3.450

22 de junho: 3.420

23 de junho: 3.500

24 de junho: 3.470

25 de junho: 3.560

26 de junho: 3.600

Fonte: Pesquisa JORNAL DO BRASIL